Ano VI — Lisboa, 10 de Setembro de 1931 — N.º 261

PimPamPum!

DIRECTOR AUGUSTO DE SANTA RITA

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL O SECULO

ANEDOTA CONHECIDA

POR CASTAÑE E S. R.

I II

Meus meninos, a anedota
que hoje por vós vai ser lida,
talvez lhes cause risota,
apesar de conhecida.

Ramon da Costa Alegrete,
galego suando em baga,
sempre, antes de qualquer frete,
preguntava:—«e quanto paga?!»

III IV

Pois só depois de ajustar
o frete bem ajustado,
é que se punha a marchar,
a dar conta do recado.

Certo dia um freguês seu,
o doutor Jaime Aparício,
p'lo correio recebeu,
um bilhete em benefício

(CONTINUA NA PAGINA 8)

QUERER É PODER

Por MARGARIDA DO MONTE

Desenhos de A. CASTAÑÉ

A' MINHA AMIGA ANA CLARA

Manhã cálida e perfumada... Junho a desfolhar as últimas pétalas dos seus dias... Paiságem melancólica de verdura e flôres... Gorgeios da passarada inquiéta sob a ramágem dos arvoredos.

Lá longe, em último plano, a serra ingreme e, mais perto, o rio a serpentear entre choupos e olmos...

Mais cá, ainda, a aldeia serena e bela... Campos nostálgicos,, a Escola convidativa e alegre. Plantada, á entrada da casa, dando sombra fresca, uma oliveira triste a beijar, numa caricia louca, a sala ensolada.

Dentro? tudo órdem, alegria... Vinte crianças, de ambos os sexos, começam os trabalhos preparatorios dos exames. São todas lindas porque são crianças... Destaquemos, porém, uma cabeça loura, sarcófago gentil da mais viva inteligência. E' Lenita — (a Helena Passos) — uma delicada pequena de 12 anos.

Linda!... Uns olhos negros — que bonitos os olhos tristes e húmidos de Lenita!... — grave, boca mimosa de morangos; cabeça de escultura, coberta de fios-ouro de lêi...

Branca e rosada, delicada no porte, discreta em atitude. Sorria raras vezes e não lhe agradavam as brincadeiras das crianças da sua idade... A sua almasita tinha ambições muito grandes, muito grandes!... Pequènina, como era, tinha já suas paixões. — Uma boneca, um urso de peluche, um carro!... — Não, não era isso! A sua paixão, o seu grande amôr eram os livros.

Lenita era inteligente e espiritualmente bela. Era rica — (o que raras vezes acontece quando Deus nos fada com uma inteligência mais aguda) — mas a sua inteligência, em embrião, teve que vencer fortissimas barreiras de teimosia. Ficara, muito nova, orfã de pai e mãi e entregue aos cuidados dos velhos lavradores, seus avós, ricos, rudes e incultos.

Do pai herdára a força de vontade que tantas vezes se revela nos seus gestos; e da mãi, a meiguice, a poesia, a sensibilidade extrema. Aliava, assim, duas qualidades para vencer na vida: a resistência da vontade e a bondade do coração. Pedia com meiguice, intimava com doçura e ninguém, como éla, sabia dizer: Quero!... Vencia sempre...

Os avós — disse-o já — eram rudes e incultos, aferrados aos principios das velhas teorias que diziam não dever a mulher frequentar a Escola, para que não aprendesse a escrever cartas ao namoro!... Quantos beijos sentidos, quantos abraços sinceros, quantas lágrimas suplicantes para arrancar dos lábios dos avós um sumido e hesitante sim!...

Era forçoso vencer. A sua inteligência fixava-se, sempre inquieta, ante um livro — para ela caixinha de mistérios... Vencera, pois.

Ela lá ia todos os dias, caminho do Saber, palmilhando atalhos pedregosos, em direcção á Escola; avesita a saltitar, ensaiando um grande vôo. Não mostrava a sua alegria porque ela estava, muito dentro de si, enraizada na sua alma, sedenta de Luz.

Estudava, estudava muito e assim, quando ainda na 2.ª classe, já deleitava os avósinhos, nas longas noites de verão, com uma leitura quási perfeita. Morreram há dois anos... Lágrimas de inverno, risos de primavera, melancolia de verão e desfolhar de outono... Aproximava-se a época dos exames. O sr. Inspector visitava a Escola.

Todos vós, os que me lêdes, sabeis o que se sente quando chega o Inspector, não é verdade?... Um nervosismo, uma febre se apodera de todos os examinados, uma alegria e um desfalecimento espiritual.

Lenita, porém, ficou calma. Foram muitos alunos chamados a prestar uma pequena prova... Por fim, Lenita. Levanta-se e coloca-se em frente da secretária do professor, como ré ante a mêsa do tribunal onde se sentam os juizes que julgam actos alheios, sem que, muitas vezes, consigam tocar, de leve, com um sôpro de Verdade, a consciência do acusado.

—Vamos, minha bonita... Fala-me da geografia..

Ela espraia o seu saber..

—De aritmética...

Fala conscienciosa mas fria.

—De História...

A sua alma se ilumina! Fala, responde, diz sem que lho perguntem, sem saber como, foca toda a História Portuguesa! Detem-se no reinado de D. José, o reformador — que estava ao tróno enquanto o ministro ia para o

trôno... Num tremular de lábios, divulga o seu segredo de admiração por Pombal, que a História desenha em traços de oiro. Fala da sua obra, daquela grande obra que todos nós conhecemos e que abraçou a Instrução, o Comércio, a Indústria, a Armada, o Exército e as Artes!

Da abolição da escravatura, para que os vindouros atenuassem o frete do seu «reinado» que foi a execução dos Távoras, mostrando, assim, que, se a sua alma não era capaz de perdoar, era, no entanto, piedosa.

Fala de factos que a História não regista porque «Ele» era tão grande que já não cabia nela, fala na sua prodigiosa força quando do terramoto de 1775...

Para Lenita é aquela a figura assombrosa da História... Ele foi o maior, porque, no seu género, não existiu outro!

Ninguém, como êle, soube jámais dizer: Querer é poder!

—Silêncio religioso a escutá-la...

Todos os corações estão suspensos das suas palavras que vão acender lumezinhos de admiração, pelos grandes Homens do passado...

Uma radiosa esperança desabrocha em cada alma, pelo Futuro, uma forte força de confiança pelo Presente.

Cita aquela frase de Pombal ao astuto embaixador espanhol que, em nossa casa, queria dar órdens:

«Dizei a vosso amo que os portugueses em sua casa podem tanto, que até, mesmo depois de mortos, são precisos quatro homens para os tirarem de lá!» Só por si esta frase vinca um caracter!

Lenita continuou a estudar. Formou-se em medicina, contra a vontade dos avós. Mas... *Querer é poder!* Estudou no estrangeiro. Frequentou os mais apurados meios científicos e veio a ser uma das mais notáveis mulheres do seu tempo!

Estudou sempre, porque se considerou menina para aprender. Viveu muitos anos, muitos anos, e quando se apagou a luz daqueles olhos negros e profundos, continuou a viver em todos os corações, através dos muitos livros que escreveu, scintilantes de Verdade, de amor pelo proximo e pela ciência. Em cada frase transpareceu a delicadeza da sua alma forte e linda.

Lenita não morreu! Ela é o Passado que ressurge. Em cada um de nós terá um aliado para defendermos uma causa justa, para «querermos» e vencermos! Como?! Estudando, aplicando-nos ao trabalho, dentro da sua esfera! Sendo conscienciosos e perseverentes, trabalhando todos a favor dum Portugal inda maior em feitos, já que o não é em território! Queiramos todos! Possamos todos! Sigamos o caminho de Lenita! Veremos, então, uma nova aurora a engrandecer o Portugal querido, como a despontar dos escombros da catrástrofe, a linda Lisboa, á beira do Tejo, minha amada terra! Trabalhemos todos por êste «jardim da Europa á beira mar plantado».

Lembremo-nos de que querer é poder!

■ F I M ■

MANEIRA DE CAÇAR LEÕES

Para se caçarem leões com a maior facilidade há vários métodos recomendados pelo ilustre sábio Dr. Caturra. Transcrevemos aqueles que nos parecem de maior efeito:

«Vai-se para o deserto do Sahará com uma peneira bastante grande. Peneira-se cuidadosamente a areia do deserto que passará através das malhas da peneira. Claro está que os leões, como mais volumosos, ficarão, sendo, então encerrados numa gaiola.

Um outro processo também de efeito seguro consiste em prender o rabo do animal a uma mó de moinho, passando através do buraco e dando um nó. Desta forma, devido ao peso da mó, os leões mover-se-hão com uma certa dificuldade e facilmente se conseguem apanhar à mão.

O inteligentissimo sábio encontra-se à disposição dos leitores do «Pim-Pam-Pum», para informar sôbre qualquer dúvida que tenham ácerca dos progressos da ciência e indústria modernas.

O GRILO DA
E A CABRA E

Tradução de J
Desenhos de L

ERA uma vez uma cabrinha desobediente que não gostava de estar fechada no aprisco do seu dono, e que queria dar volta ao mundo, em busca de aventuras.

Num belo dia, apanhando a porta aberta, safou-se sem ninguem dar por isso e foi esconder-se na toca de uma raposa que vivia perto dali.

Oh! como aqui se está bem! — disse ela. Preciso estudar a maneira de me não fazerem sair dum logar onde me encontro tanto a meu gosto.

Meteu-se no fundo da toca, depois de ter fechado com uma pedra a entrada desta. Quando a raposa voltou, dando com aquele obstáculo, procurou afastá-lo, para poder entrar. Mas, tão depressa começou a mover a pedra, logo a cabrinha se pôs a falar, com a voz mais forte que tinha.

—Quem é que está, aí, dentro da minha casa? — preguntou a raposa, cheia de espanto e admiração. Quem se atreveu a entrar para a minha toca, enquanto eu anda va por fora dela?

A cabrinha pôs-se, então, a cantar, com uma voz muito grossa:

Sou a cabra de Mombelle,
Que a todos os que me atacam,
Logo mato e tiro a pele.

Misericórdia! — gritou a raposa, muito aflita. E cheia de susto, apavorada, desatou a fugir pelos campos fóra.

Quando chegou ao caminho, encontrou um burro que, com todo o seu vagar, recolhia a casa.

— Que é lá isso? O que te sucedeu, para ires correndo dêsse modo? — preguntou êle á raposa que, só então, parou, um pouco mais tranquila.

—Se soubesses!... Dentro da minha toca está um bicho que se não pode vêr, mas que grita, com uma voz que parece um trovão. Deve ser uma coisa muito extraordinária! Abalei de lá correndo, e, com certeza, que não torno para casa.

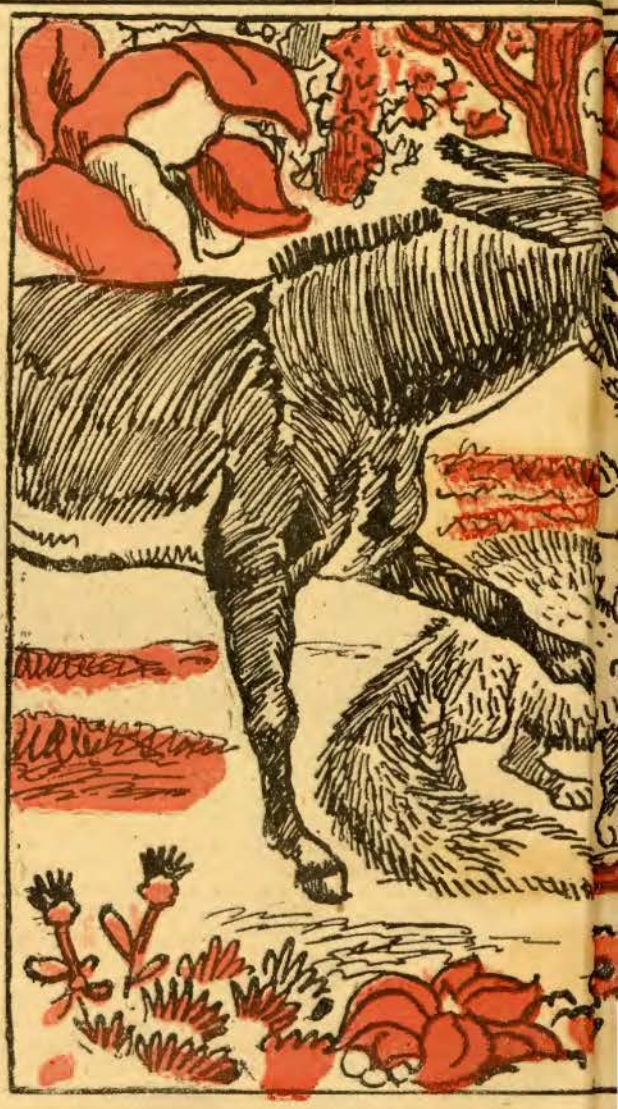
—E' lá possivel, isso? — exclamou o jumento com certo ar de incredulidade. Vou ver êsse fenómeno. Quero convencer-me com os meus próprios olhos.

—Vais ouvi-lo; não vais vê-lo; que ele não se mostra. Mas vê, primeiro, se tens a certeza de não ter mêdo!

—Tenho a certeza completa, replicou o burro.

Retrocederam os dois e, desandando o já andado, chegaram, pé ante pé, á boca da toca. Mas apenas tinham tocado na pedra, quando logo a voz se fez ouvir:

Sou a cabra de Mombelle,
Que a todos os que me atacam,
Logo mato e tiro a pele.



Misericórdia!... — exclamou o burro aterrado. E partiu a todo o trote, daquele logar, como se o chão lhe escaldasse os pés.

A raposa, se era possivel, ainda corria mais do que êle. No seu defreado correr, iam tão cegos, que, por pouco, não atiram de pernas ao ar um lobo gordissimo e pacifico, que, depois de ter comido á tripa fôrra, saiu a espairecer um pouco e a fazer a digestão.

—Onde diabo vão vocês, nessa correria doida? — preguntou o lobo que se tinha encolerizado. Mas, depois quando soube a história que a raposa e o burro aflitivamente lhe contaram, desatou a rir, com grande mofa dos dois ridiculos medrosos. Eu cá não tenho mêdo de coisa nenhuma! A mim nada me assusta! Quero ir vê

A PERNA TORTA E MOMBELLE

MANUEL J. CANHA
ADOLFO CASTAÑÉ

êsse fenómeno que tanto os apavora. E é para já! — exclamou o lobo com os seus ares mais deliberados e decididos. E pôs-se a caminho, só, porque os outros já se não atreveram a acompanhá-lo. Passado, porém, alguns momentos, ei-lo que volta ofegante, a toda a pressa, faltando-lhe, até, a respiração. Safa! que susto apanhei! Aquilo é um monstro, com toda a certeza! Precisamos consultar outros animais. Eu mesmo, iria de boa vontade; mas já estou velho e gordo, não posso apanhar canseiras e custa-me a fazer jornadas. Vão vocês, vão, que são novos ainda!...

Os dois foram; mas nenhum dos moradores do bosque se atreveu a dar um passo adiante depois de terem ouvindo a narração do acontecimento pelo modo como êles o faziam.

Apenas, um grilo, muito novo, que tinha um defeito numa perna, desde nascença, só por ter andado em desordem com outros grilos, e a quem, por isso, os companheiros puzeram a alcunha de perna torta, preguntou timidamente, se o monstro se tinha deixado ver, e se êles lhe tinha percebido o feitio. Responderam-lhe que não. Pois, então, lá vou eu, replicou o grilo; nada me embaraça. Já me tenho visto em emprezas maiores, e nunca voltei atrás! E o grilo pôs-se em marcha, coxeando, sossegadamente, acompanhado pelos outros, que avançavam desconfiados, mas cheios de curiosidade por saberem onde tão extraordinário acontecimento viria parar. Dentro da toca, a cabrinha ria e esfregava as mãos com certa satisfação, pensando que, com meia duzia de palavras mentirosas pronunciadas em voz grossa, tinha feito fugir uma raposa, um burro a até mesmo um lobo! Já se começava a persuadir que era a rainha do mundo; que a toca, o bosque, tudo, enfim, era seu. Aquilo é que era uma bela aventura! Em boa hora se metêra a procurá-la!

Nêsse momento, uma voz quási sumida, preguntou de fora: Quem és tu?! A cabra deu um pulo. Mas engrossou a voz o mais que lhe foi possível, encheu-se de ânimo, e cantou, como já tinha feito das outras vezes, esperando obter o mesmo resultado:

Sou a cabra de Mombelle,
Que a todos os que me atacam,
Logo mato e tiro a pele.

Então, a tal voz, quási sumida, com que o grilo fizera a sua pregunta, tornou-se forte e terrivel, e disse:

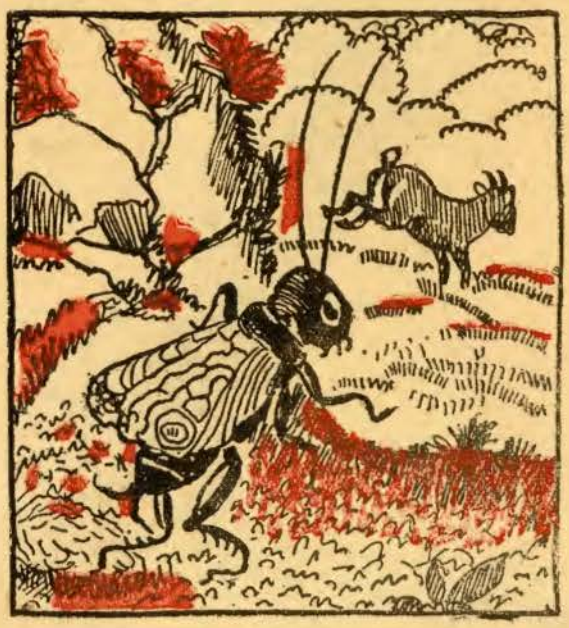
Eu sou o grilo perna torta;
Se daí não sais, ficas morta!

Misericórdia! — Gritou a cabrinha cheia de terror. — Que será isto? E, dando um empurrão á pedra com que tinha fechado a entrada da toca, sem dar tempo a que a reconhecessem, desatou a fugir, doidamente, tendo tempo, apenas, para chegar ao aprisco do seu dono, e livrando-se, a custo, da raposa, do burro, do lôbo e dos outros animais, que, mais afoitos depois de saberem quem ela era, a perseguiram.

Na cabra de Mombelle nunca mais ninguém ouviu falar. Deixou-se de aventuras e tomou juizo, convencida de que lhe ía saindo cara a lição.

Emquanto ao valente grilo da perna torta, escusado será dizer que, desde êsse dia, ficou sendo o animal mais respeitado e mais temido de todo o bosque. Ninguem se atreve com êle!

FIM



POR

GRACIETTE BRANCO

Esta poesia é para ser recitada, num palco infantil, por um menino à maneira dos liliputeanos *e ladeado por outros, com iguais trajos e caracterisações, que entoarão, em côro, o prolongamento das últimas sílabas de cada verso.*

DO Reino de Liliput,
uh, uh, uh!
que inda ninguém soube onde é,
eh, eh, eh!
nós viemos num baú,
uh, uh, uh!
falar à gente bébé!
eh, eh, eh!...

Dessa pequena nação,
ão, ão, ão!
que fica do mundo ao fim,
im, im, im!
todo o habitante é anão
ão, ão, ão!
E todos falam assim:
im, im, im!...

Por isso cada petiz,
is, is, is!
desta terrinha de luz,
ús, ús, ús!
no nosso lindo país,
is, is, is!
tem um amigo de trús!
ús, ús, ús!

Assim que chegámos cá,
ah, ah, ah!
vendo tudo lindo aqui,
ih, ih, ih!
soltámos um grande *ah!*
ah, ah, ah!
e depois fizemos: — ih!
ih, ih, ih!

Se quizerem vir também,
hein, hein, hein?!
ao Reino de Liliput,
uh, uh, uh!
vão pedir à vossa Mãe,
hein, hein, hein!
que os deixe vir no baú!
úh, úh, úh!

Talvez não gostem de nós,
ós, ós, ós!...
vossos avós, vossos pais,
ais, ais, ais!
por ser tal qual nossa voz
ós, ós, ós!...
como a voz dos animais!
ais, ais, ais!

Chiamos como o saguím,
im, im, im!
rugimos como o Leão,
ão, ão, ão!
como os ratinhos assim:
im, im, im!
e ladramos como o cão:
ão, ão, ão!

Mas não somos gente má,
ah, ah, ah!
não qu'remos mal a ninguém;
hein, hein, hein!
Havemos de voltar cá!
ah, ah, ah!
Adeus, passem muito bem!
hein, hein, hein!

FIM

HORA DE RECREIO

PROBLEMAS E PARTIDAS

Um lavrador tinha um lago do feitio de um quadrado, tendo em cada ângulo uma árvore, como representa a gravura.

Pensou um dia em mandá-lo alargar, mas de fórma a que não tivesse de arrancar as árvores e que o lago não deixasse de ser um quadrado perfeito.

Como se arranjou, nestas circunstâncias, o nosso lavrador?

Na bôca de uma garrafa coloquem um fósforo, ou antes, um palito dobrado ao meio e, sôbre êsse palito, uma moeda de meio tostão ou qualquer outra moeda de pequeno tamanho.

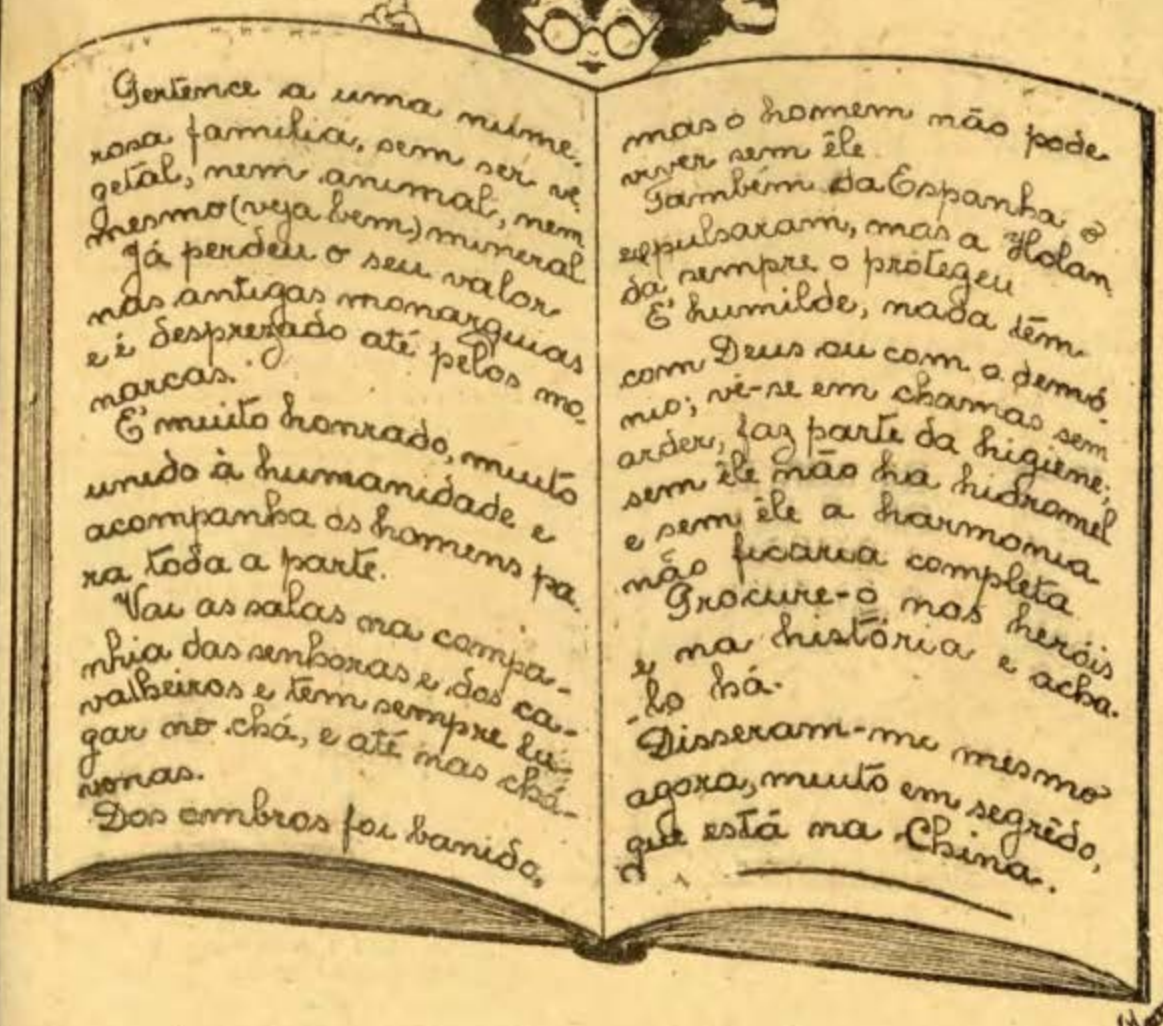
Preguntem, então, aos assistentes, se haverá quem consiga meter a moeda na garrafa sem lhé tocar com os dedos ou qualquer outro objecto.

Para se conseguir êste fim, deita-se um pingo de água no vértice do ângulo formado pelo palito e veremos, então, êste abrir-se, lentamente, e a moeda caír no fundo da garrafa.

QUEBRA CABEÇAS

A' MARIAZINHA DE SANTANA MARQUES

POR MORENITA



(CONTINUADO DA 1.ª PAGINA)

V

dum actor seu conhecido;
motivo porque se via
de o devolver impedido;
muito embora nêsse dia,

VI

(por sinal o dia quatro)
Aparício, infelizmente,
não pudesse ir ao teatro,
devido a um luto recente.

VII

— «Vou, pois, dá-lo ao Alegrete...
(e, chamando-o, o doutor diz:)
Toma lá êste bilhete;
vai com êle ao S. Luiz».

VIII

Ramon da Costa Alegrete,
após coçar na cabeça,
como se cumprisse um frete,
põe-se a andar com toda a pressa.

IX

Entanto, retrocedendo,
junto dêle, agora indaga:
— «Eu vou... mas, se não ofendo,
diga-me, antes, quanto paga?!

X

Meninos, como o Ramon
há muitas pessôas tontas,
com quem, afinal de contas,
não vale a pena ser bom.